

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE IMPORTANCE OF ENVIRONMENTAL EDUCATION IN CHILDHOOD EDUCATION

Claudia Pinheiro Nascimento,
Davi Pereira de Azevedo Azevedo

RESUMO

A educação que busca trazer os valores de zelar pelo meio ambiente é uma questão já existente há um tempo e que teve de passar por alguns momentos para se consolidar como Educação Ambiental. O desafio se mantém em demonstrar um tema tão grande aplicado ao início da fase escolar, o ensino infantil. Dentro deste contexto, este trabalho visa examinar a inserção da Educação Ambiental na fase infantil do ensino e transmitir a relevância de ser trabalhado esse tema nas instituições de ensino. Na primeira fase da criança na escola, ela começa a entrar em contato com o mundo e vai adquirindo valores, conforme suas vivências. Para tal, foi utilizado uma revisão bibliográfica que buscou responder os seguintes objetivos específicos: trazer ideias e conceitos a respeito da Educação Ambiental; sua historicidade no mundo e no Brasil e; as qualidades que o tema traz para as crianças. Mesmo com a chegada da Educação Ambiental na sociedade, ainda não temos ela de fato sendo conscientizada pelas pessoas. A noção de educar pela preservação geral do meio ambiente precisar ser melhor trabalhada em documentos educacionais, pois ela sensibiliza e humaniza o indivíduo de dentro para fora através da simplicidade.

Palavras-Chaves: Educação Ambiental; Educação Infantil; Sustentabilidade.

ABSTRACT

Education that seeks to bring the values of caring for the environment is an issue that has existed for some time and that had to go through some moments to consolidate itself as Environmental Education. The challenge remains to demonstrate such a great theme applied to the beginning of the school phase, the infant education. Within this context, this work aims to examine the insertion of Environmental Education in the early phase of teaching and convey the relevance of working on this issue in educational institutions, in the first phase of the child at school is where they begin to come into contact with the world and acquire values according to their experiences. For this purpose, a bibliographical review was used that sought to respond to the following specific objectives: to bring ideas and concepts about environmental education, its historicity in the world and in Brazil, and the qualities that the theme brings to children. Even with the arrival of environmental education in society, we still do not have it in fact being made aware by people. The notion of educating for the general preservation of the environment needs to be better worked

in educational documents because it sensitizes, humanizes the individual from within through simplicity.

Keywords: *Environmental Education; Document; Environment; Child Education; Sustainability.*

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade em meio a sociedade é o remédio mais eficaz para combater o mal cuidado que estamos tendo com a nosso planeta. A falta desse cultivo já pode ser considerada uma cultura ou identidade do ser humano, mas sabemos que a educação é um meio de construir a identidade do indivíduo, e é na escola que se encontra o futuro da próxima geração, ou seja, existe uma necessidade real de trabalharmos com as crianças a respeito da preservação do meio ambiente nas escolas.

É de suma importância, para os futuros docentes, ter a consciência do assunto, pois os professores têm a responsabilidade de auxiliar na formação do cidadão, então, saber a real importância da Educação Ambiental (EA) pode render frutos para a sociedade no sentido de preservação do indivíduo, da família, da cultura e do planeta. Saber que a sustentabilidade do meio em que vivemos começa dentro de nós, e em sala de aula, deve-se iniciar primeiro pelo educador e depois ser repassado para o educando.

Assim, é preciso compreender toda a dimensão do que é a EA, o que ela proporciona para as crianças, quais são os valores que são desenvolvidos nessa prática educativa e como ela se comporta na Educação Infantil (EI), que é onde a criança começa sua jornada escolar e onde sua visão de mundo é ampliada para a construção do cidadão. A EA, então, irá buscar os meios que serão necessários para o desenvolvimento do indivíduo ambiental.

Dessa forma, o presente artigo busca solucionar como a Educação Ambiental auxilia no processo de ensino-aprendizagem na fase do Ensino Infantil? Para isso, tem por objetivo apresentar a ligação entre a Educação Ambiental e a Educação Infantil, e busca trazer essa reflexão conceituando a EA, esclarecendo um documento legal que aborda essa relação e a compreensão da relevância de ser trabalhada a preservação em creches e pré-escolas. Tem por natureza uma pesquisa básica, na qual, Tumelero (2019) afirma ser “uma pesquisa científica focada na melhoria das teorias científicas”. Se baseando na pesquisa básica, tem a intenção de ampliar o entendimento a respeito das ideias, contextos históricos encontrados e expandir a reflexão sobre a Educação Ambiental estar presente no Ensino Infantil.

Com a base na pesquisa básica, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica:

[...] é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades (KAIMEN; CHIARA, et. al., 2008, apud TYBEL, 2017).

Assim, será possível examinar do que se trata a EA com ideias já existentes e, a partir disso, examinar a respeito para ampliar a compreensão do tema para que se tenha real noção de sua relevância.

O primeiro capítulo trata o conceito e o contexto da educação ambiental e sua caminhada até chegar na educação, inclusive no Brasil. O segundo capítulo é abordado um documento legal do Brasil acerca da educação ambiental ingressada na educação infantil. O terceiro capítulo traz consigo a compreensão a respeito da importância da EA em creches e pré-escolas, examinando como deve ser trabalhado e as virtudes de se relacionar com essa ciência.

1. Conceituando e contextualizando a Educação Ambiental

A relação homem-natureza vem sofrendo mudanças de acordo com o tempo, na Pré-história, por exemplo, o homem não buscava mudar a natureza, e sim, colhia o que ela proporcionava, pois claro, não tinha consciência da dimensão da natureza que existia ao seu redor.

A espécie humana adapta-se às condições ambientais não apenas por meio de suas ferramentas técnicas, mas também, às vezes, em maior medida em razão de suas formas de organização social e de aproximação simbólica do mundo natural (DÍAZ, 2002, p. 22).

Com isso, durante a história da humanidade, o homem foi se adaptando cada vez mais com o ambiente, se especializando na agricultura, como é o caso dos índios, porém, as outras pessoas não tinham o mesmo cuidado e respeito pela natureza, e assim foram expandindo cada vez mais a sua ambição, resultando em um imenso descuido com a natureza, como traz Albanus e Zouvi (2013), dizendo que com a ascensão da agricultura, houve mudanças na paisagem, crescimento de cidades, e que o aumento populacional associado a sua construção próxima de rios e mares trouxeram prejuízos ambientais e sociais enormes para estes espaços.

Em termos históricos, para se compreender a origem do termo Educação Ambiental, Ramos (2001, p. 202) trata de sinalizar que essa ideia “surgiu basicamente como uma das “estratégias” da sociedade para fazer frente aos problemas ambientais entendidos, a partir desta época, como ameaças à qualidade e à vida no Planeta”.

A respeito disso, entendemos que existe um problema ambiental e que se trata de um nível global, sendo possível perceber que há algum tempo que este tema tem sido discutido pela humanidade. Ramos (2001) esclarece no sentido de que a partir dos anos de 1950 e 1960 ocorreu o fortalecimento das manifestações e protestos que lutam a favor do ambiente e da ecologia, e se iniciou uma sociedade crítica em relação a ascensão da burguesia e culturas industriais que afetam o meio ambiente.

Em meio a esse cenário, em 1972 houve a divulgação do relatório do Clube de Roma que, segundo Goldberg (2007), era um grupo (constituído em 1968) de cientistas, industriais e políticos que discutiam e analisavam os limites do crescimento econômico correlacionando com o uso dos recursos naturais. O clube então, divulgou um documento intitulado Os Limites do Crescimento, com a seguinte abordagem:

Apocalítico, e também polêmico, ele apontava e chamava atenção para a característica global dos problemas ambientais e o ritmo exponencial de sua evolução caso medidas urgentes não fossem tomadas. [...] ameaça do esgotamento dos recursos naturais, os efeitos da poluição ambiental, o crescimento populacional e o aumento da produção e do consumo. (RAMOS, 2001, p. 203).

A respeito disso, Goldberg (2007) afirma que o relatório teve uma repercussão internacional e que foi debatido na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, conhecida como Conferência de Estocolmo (1972). Ramos (2001, p. 203-204) diz que “foi a primeira vez na história da humanidade que políticos, especialistas e autoridades de governo [...] se reuniram para discutir problemas ambientais na qual o meio ambiente foi colocado como tema principal [...]”.

[...] as questões ambientais foram traduzidas como problemas de poluição de ar, do solo da água e da escassez dos recursos naturais colocando em risco o bem-estar do homem. Por isso, deveriam ser conservados, com ênfase na necessidade de adotar políticas globais baseada na interdependência planetária de todos os problemas ambientais (RAMOS, 2001, p. 204).

A partir daí, é possível enxergar um horizonte em que as reflexões ambientais podem ter uma séria relevância entre as pessoas que regem o mundo, ou seja, os líderes dos países. A respeito de medidas que foram analisadas na conferência, Ramos (2001) sintetiza que foi conscientizado a responsabilidade do ser humano em sua relação com o ambiente, e que foi enfatizado a importância da educação na solução dos problemas.

Ocorre, assim, o primeiro pronunciamento oficial sobre a necessidade da EA em escala mundial, convertendo-se numa recomendação universal imprescindível, com a propagação de inúmeros projetos e programas para a sua implementação (RAMOS, 2001, p. 204).

Em 1975 houve o Seminário em Belgrado ou Carta de Belgrado, que segundo Albanus e Zouvi (2013, p. 27), foi “um seminário entre inúmeros especialistas da educação e representantes dos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) para definirem os rumos da educação ambiental”. A se tratar desse acontecimento importante, alguns acordos foram feitos e que Tozoni-Reis (2004 apud ALBANUS; ZOUVI, 2013) trata de salientar que foi discutido a necessidade de desenvolver programas de educação ambiental em todos os países membros da ONU, a carta define a estrutura e os princípios básicos da EA e que serviu de combate a crise ambiental que está em pauta. Em um dos trechos desse seminário, é possível observar que há um apelo direto aos governantes, no sentido de ter atitudes que levam a preservação e uma renovação da relação entre professor, aluno, escola e comunidade e que a EA deve estar presente como forma de permitir uma mudança na realidade (BRASIL, 2020).

Assim, a educação voltada a preservação do meio ambiente vai se tornando mais real com o passar do tempo. Em 1977 ocorreu o Congresso em Tbilisi, que foi o primeiro congresso mundial de uma educação voltada a preservação do meio ambiente, onde, Albanus e Zouvi (2013, p. 29) abordam que o mesmo tinha “[...] o objetivo de divulgar os trabalhos realizados, nos vários países vinculados à ONU e a

Unesco sobre a educação ambiental, com o objetivo de dar segmento aos acordos estabelecidos em Estocolmo (1972) e em Belgrado (1975) [...]”. Sendo assim, continuando com o intuito de novas abordagens com foco no ensino em prol da sustentabilidade, levando em consideração os aspectos que foram abordados nos eventos anteriores, a continuidade foi apresentada nos objetivos de:

- 1) fomentar plena consciência e preocupação sobre a interdependência econômica, social, política e ecológica nas áreas urbanas e rurais;
- 2) proporcionar [...] oportunidades de adquirir conhecimento, valores, atitudes, compromisso e habilidades necessários a proteger [...] o meio ambiente;
- 3) criar padrões de comportamento de indivíduos, grupos e sociedade como um todo em favor do ambiente (PEDRINI, 1998 apud SOUZA, 2011, p. 15).

Foi então, nessa conferência que se chegou à conclusão, segundo esclarece Souza (2011), que a educação deveria se preocupar com a conscientização, a transmissão, o desenvolvimento de hábitos e a promoção de valores com critérios e orientações para a resolução de problemas ambientais. Seguindo essa linha, ambas as preocupações são importantes para entender a inicialização do processo em que o indivíduo se torna um ser consciente do valor ambiental, e que de certa forma, é preciso que se passe por todas elas para chegar no êxito de um mundo com pessoas zelosas com o meio que os rodeia.

Chegando em solos brasileiros, podemos ter a presença da EA em nossa Constituição (1990, p. 46), precisamente no título VIII, capítulo VI, artigo 225, inciso primeiro, que traz o dever de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. Em consonância com esse documento da Constituição, fica então, concretizado a ideia e a importância da educação estar ligada com a EA, assim, as escolas já tem como dever de trazer para a sala de aula temas que valorizam e que conservem o ambiente.

No que se refere a relação de países desenvolvidos com subdesenvolvidos, no sentido da preservação ambiental, aconteceu no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, a Conferência Rio-92, que segundo Souza (2011, p. 16), a “[...] grande preocupação era os problemas ambientais globais e as questões do desenvolvimento ambiental. Nesse conclave, foram lançados os desafios fundamentais para o próximo milênio”. Durante esse evento, ocorrido em 1992, ficou estabelecido a Agenda 21, que segundo Albanus e Zouvi (2013, p. 41), “é um documento elaborado e assinado por 179 países, por meio da ONU e da Unesco, com o objetivo de preparar o mundo para os desafios do século XXI [...]”. Essa agenda, por assim dizer, está formada em quatro seções, em que Albanus e Zouvi (2013, apud BRASIL, 2008d) afirmam serem divididas como dimensões sociais, conservação e gestão dos recursos para o desenvolvimento, fortalecimento do papel dos grupos sociais e meio de implementação.

É importante salientar o capítulo 36 da Agenda 21, na qual diz respeito a promoção do ensino, da conscientização e do treinamento. Sobre isso, Tozoni-Reis (2004 apud ALBANUS; TOUVI, 2013, p. 46) sinaliza sobre as ideias expostas nesse capítulo, dizendo que “contribuíram para a definição das categorias de análise, pois apontaram ideias fundamentais para organizar as atividades de educação ambiental: sustentabilidade, participação, conscientização e interdisciplinaridade”.

Entrando de vez na inserção da EA no Brasil, temos a Primeira Conferência Nacional de Educação Ambiental, realizada em 1997 na cidade de Brasília. Segundo Souza (2011, p. 17), o acontecimento foi voltado para “a participação da sociedade civil na sistematização dos princípios da Educação ambiental no Brasil [...]”.

[...] o homem continua a depender do meio ambiente para encontrar alimento, água, adaptar-se ao clima, e que estas razões são mais do que suficientes para que o homem seja, ele próprio, o guardião desse ambiente, protegendo dos ataques insensatos (SOUZA, 2011 p. 18).

Para compreender melhor a respeito do tema EA, no sentido filosófico e ter uma consciência da essência desse ensino para que o indivíduo não seja sujeito a subentender que só está ligado a relação do homem com a natureza, que algumas pessoas ainda podem pensar que é apenas a sua relação com os seres vivos como plantas e animais, é possível considerar que:

A educação ambiental vai além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico (GADOTTI, 2000, p. 96).

Em consenso com a afirmação de Gadotti (2000), a relação do ser humano com ele mesmo e com os outros também está ligada a educação ambiental, pois o ambiente é tudo aquilo que nos rodeia, e esse tema, portanto, convida a enxergar o meio por uma outra perspectiva, de mais zelo, mais consciência interna e externa que faz parte do meio ambiente.

É perceptível que vivemos em um momento da humanidade em que o individualismo e o consumismo obtiveram um espaço na sociedade, e que de certa forma, não contribui para a preservação do meio como um todo e nas construções de valores. Portanto, a educação ambiental combate essa realidade, segundo Albanus e Zouvi (2013, p. 63), “este é o papel da educação ambiental: formar cidadãos responsáveis e conscientes, que deem valor ao bem ambiental, para as gerações que hoje habitam o planeta, e também para as futuras gerações”.

Em análise, os autores acima mostram que o papel da escola é de conscientizar os alunos na questão de valorizar o que está ao nosso redor, no que diz respeito a nossa cultura, nossa fauna e flora, e também de cativar e cultivar entre os alunos essa ideia de preservar o bem ambiental. Com isso, a educação ambiental no ensino infantil tem uma certa relevância, pois se colocarmos em prática o estudo e o valor a respeito do meio ambiente, mais cedo os alunos obterão a conscientização a respeito desse tema.

A natureza é o fio condutor que nos leva a uma construção moral e intelectual da sociedade e que dá a condição de olhar para uma vida de mais liberdade e igualdade (BRASIL, 2006). Então, com base nessa explanação, para acontecer uma educação que aja em prol do meio ambiente, é preciso contextualizar para os discentes, os componentes que envolve o ambiente e tende a relacionar isso com os alunos, junto à comunidade e com a realidade em que se vive.

Para que possamos realizar a educação ambiental, é necessário, antes conhecermos as concepções de meio ambiente das pessoas na atividade [...].

A educação ambiental deve orientar-se para a comunidade. Deve procurar incentivar o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidades específicas (REIGOTA, 2006, p. 21).

Com a prática dessa concepção afirmada, é de se esperar que o aluno desenvolva algumas noções que são “particularmente importantes: a noção de valor ambiental (...) a noção de civismo (...) e a noção de solidariedade” (BATALHA, 2013, apud GONÇALVES, 2007, p. 21). Sendo assim, é notável que ambos aspectos precisam estar em perfeita harmonia em uma instituição, para assim dizer, que se trabalha e se desenvolve um ensino voltado para a sustentabilidade.

Segundo Díaz (2002), a finalidade da educação ambiental é desenvolver a ética ligada aos valores, atitudes e comportamento, dando certa ênfase na tolerância, solidariedade e responsabilidade. Se faz, portanto, necessário desenvolver-se ambientalmente as nossas crianças, pois construirá valores que irá fazer bem a elas e as pessoas que a cercam.

2. Discutindo a documentação legal acerca da Educação Ambiental na Educação Infantil

A educação ambiental na pré-escola está no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que é um documento do Ministério da Educação (MEC) e está composto em três vertentes: Introdução, que são reflexões sobre a creche e pré-escola e seus componentes, a Formação Pessoal e Social, que está ligada ao trabalho e construção de identidade da criança, e o terceiro que está intitulado como Conhecimento de Mundo (BRASIL, 1998). Esclarecendo então, o enfoque desta pesquisa está em sintonia com o volume três, que ressalta a relação dos conhecimentos das Ciências Humanas e Naturais com os conteúdos da pré-escola.

O trabalho com os conhecimentos derivados das Ciências Humanas e Naturais deve ser voltado para a ampliação das experiências das crianças e para a construção de conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural. Nesse sentido, refere-se à pluralidade de fenômenos e acontecimentos físicos, biológicos, geográficos, históricos e culturais, ao conhecimento da diversidade de formas de explicar e representar o mundo, ao contato com as explicações científicas e à possibilidade de conhecer e construir novas formas de pensar sobre os eventos que as cercam (BRASIL, 1998, p. 166).

A diversidade, como dito, é algo que precisa estar presente no ensino, assim, ela deve buscar obter um caráter transversal, que perpassasse por todas as áreas de conhecimento, buscando sempre um certo zelo com a criança no momento da abordagem dos assuntos, para que o aluno possa conciliar o saber propriamente dito.

É importante elaborar esquemas de conhecimento escolar de caráter integrador, organizados em torno de problemas socioambientais relevantes, que não apenas respondam ao nível de desenvolvimento operacional dos alunos e alunas, mas que também contenham significados específicos, em um determinado nível de complexidade [...]. Será preciso estabelecer

diferentes níveis de formulação do conhecimento escolar, que abranjam desde significados mais próximos aos dos alunos e alunas, até os níveis mais elaborados (DÍAZ, 2002, p. 87).

Segundo o RCNEI (1998), se trata de um tema que abrange uma enorme diversidade, e assim, deve escolher temas mais relevantes para as crianças e seu grupo social, para isso, é preciso instigá-las a praticar e conscientizar. O papel do professor é de ser paciente, pois a evolução da conscientização da criança ocorre de forma gradativa.

[...] o professor precisa ter claro que esses domínios e conhecimentos não se consolidam nesta etapa educacional. São construídos, gradativamente, na medida em que as crianças desenvolvem atitudes de curiosidade, de crítica, de refutação e de reformulação de explicações para a pluralidade e diversidade de fenômenos e acontecimentos do mundo social e natural (BRASIL, 1998, p. 173).

Para que o desenvolvimento da educação ambiental ocorra de forma eficiente, é preciso de uma total participação da comunidade local e escolar, para que assim, seja alcançado os objetivos propostos.

Para contribuirmos para um mundo melhor temos de ser responsáveis pelas nossas ações porque tudo o que fazemos está interligado [...] Temos de pensar no modo como usamos os recursos e no modo como cuidamos das plantas e dos animais. Temos de pensar no modo como tratamos as outras pessoas. Se todos assumirmos a responsabilidade pelas nossas ações, conseguiremos começar a trabalhar em conjunto para cuidar do bem-estar presente e futuro da família humana e de todos os seres vivos do planeta. (BATALHA, 2013, apud BRASIL, 2006, p.27).

Com base na explicação acima trazida por Batalha (2013), o trabalho coletivo de toda a comunidade é o que torna eficaz o desenvolvimento da educação ligada ao meio ambiente, pois assim, todos estão sendo ensinados a trabalharem mais pela preservação do nosso meio e tudo que ele compõe. Complementando ainda, a transmissão dos conhecimentos em prol da valorização do ambiente precisa estar se relacionando diretamente com a realidade do aluno.

[...] dizer que a aprendizagem de fatos, conceitos, procedimentos, atitudes e valores não se dão de forma descontextualizada. O acesso das crianças ao conhecimento elaborado pelas ciências é mediado pelo mundo social e cultural (BRASIL, 1998, p. 172).

Segundo Oliveira e Toniosso (2014, p. 37), “o desenvolvimento da criança acontece gradativamente e à medida que toma consciência do mundo em que vive, sendo essa consciência de diferentes maneiras”. Seguindo essa percepção, temos um processo educativo que precisa seguir uma linha que esteja entrelaçada com o tempo de cada aluno, de ver, perceber, aprender e assim, interiorizar esse tema transversal que irá humanizar o indivíduo. Assim sendo, a criança terá possibilidades de que ocorram mudanças relacionadas ao seu modo de conceituar a natureza e a cultura (BRASIL, 1998, p. 169).

O ensino ambiental necessita estar em todos os estágios da formação do indivíduo. Aos cinco anos, por exemplo, a criança está prestes a ingressar no ensino

fundamental, que traz para a ela uma diferença de perspectiva a respeito de um ensino mais concreto. No RCNEI (1998) não existe uma área específica para se trabalhar com a natureza e sociedade (onde se faz presente a EA) com alunos dessa faixa etária de cinco anos de idade, porém, o documento trabalha com práticas voltadas também com crianças de três a seis anos, ou seja, se enquadra aos alunos que estão no último ano da pré-escola. O RCNEI (1998) trata de alguns objetivos de ensino ambiental:

[...] interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, [...] • estabelecer algumas relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e de outros grupos; • estabelecer algumas relações entre o meio ambiente as formas de vida [...], valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana (BRASIL, 1998, p. 175).

A partir dos objetivos acima, é de se compreender que o cidadão ambiental formado percebe que tudo à sua volta está em movimento, e que tem seu próprio ritmo. A partir de então, a criança precisa ser motivada a ter conhecimento sobre o meio que se vive, estudando a natureza e todas as culturas que existem, e com base nisso, obter opiniões e posicionamentos a fim de valorizar as características existentes no meio ambiente.

Para que o cultivo da preservação esteja cada vez mais presente nas pessoas, é preciso torná-la uma cultura pré-definida na sociedade, e que seja uma das bases para a preparação do indivíduo no meio social. Sendo assim, para possuir a ligação entre cultura e meio ambiente, o docente da Educação Infantil tem um papel fundamental de levar o aluno ao “campo da prática”, ou seja, ele precisa estar em contato forte com o meio que o cerca, para que ele perceba e sinta a importância de preservar a terra que lhe serviu de base para aprender a andar e crescer.

Para desenvolvimento do eixo Natureza e Sociedade, em que aborda Ciências Naturais, Weissmann (1998, p. 244) esclarece que, “o professor precisa se encontrar em um estilo de trabalho para desenvolver com seus alunos de forma que remeta à conteúdos, conceitos, procedimentos e atitudes”.

Em relação aos conteúdos que devem ser trabalhados nesse período, o RCNEI (1998) destaca uma prática social significativa, o grau de significado para a criança, e a expansão de conhecimento a respeito do mundo social e natural, além de promover uma construção social integrada e relacionada. Sobre isso, é ideal ter o grau certo para a idade certa, pois como já foi dito, a evolução da consciência ambiental se dá de forma gradativa.

Quando abordamos a natureza, seu estudo e conhecimento interno, estamos também lidando com o autoconhecimento da criança. O RCNEI (1998, p.179) diz que, “a aprendizagem dos nomes das partes do corpo e de algumas de suas funções também deve ser feita de forma contextualizada, por meio de situações reais e cotidianas”. Ou seja, para o aluno obter um real conhecimento do mundo que o cerca, é preciso ter conhecimento de si próprio, do seu corpo, do espaço que ocupa, dos pensamentos e emoções.

No sentido das orientações didáticas do RCNEI (1998), os conteúdos são divididos em 5 blocos, que são: 1) Organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar, 2) Os lugares e suas paisagens; 3) Objetos e processos de

transformação; 4) Os seres vivos e, 5) Fenômenos da natureza. A partir dessa divisão, é relevante pensar que ambas as vertentes terão de ser integradoras e exercer um papel transversal, além da construção de uma forma didática para que auxilie o docente na execução da aula.

Nesse sentido, para trabalhar com essas vertentes didáticas, se faz necessário alguns procedimentos que facilite a aprendizagem e compreensão das crianças.

[...] • participação ativa na resolução de problemas; [...] • confronto entre suas ideias e as de outras crianças; • formulação coletiva e individual de conclusões e explicações sobre o tema em questão; [...] • utilização da observação direta e com uso de instrumentos, como binóculos, lupas, microscópios etc., para obtenção de dados e informações; [...] • leitura e interpretação de registros, como desenhos, fotografias e maquetes; [...] (BRASIL, 1998, p. 181).

Acerca das orientações gerais direcionadas para os professores, o RCNEI (1998) trata que o docente não deve se limitar aos materiais que estão na escola, e sim buscar recursos e parcerias com pessoas ou grupos que possam complementar, somando reflexões e ampliando a visão do aluno.

Com base nos procedimentos apresentados pelo RCNEI (1998), percebe-se que a utilização de instrumentos que facilite e aprofunde os conhecimentos é um aspecto que pode ser sempre utilizado. A participação do aluno e o confronto saudável de ideias que motive a criança conhecer mais sobre o outro são uma das formas que auxiliam no processo de aprendizagem. É notória a relevância de um projeto pedagógico voltado à educação ambiental, quando o MEC se refere nos procedimentos, e que segundo conclui Freire (1999 apud ALBANUS; ZOUVI, 2013), o projeto pedagógico deve contemplar a relação homem-ambiente, pois é essa relação que forma um ser de ação e de reflexão sobre suas atitudes a respeito do mundo e ir em busca de transformá-lo.

3. Compreendendo a importância da Educação Ambiental para a Educação Infantil

A reflexão de que a EA é um universo a ser abordado e estudado logo no início da fase escolar, não é por acaso, pois é na Educação Infantil que entramos na fase escolar e começamos a ter contato com outras pessoas fora do ciclo familiar, e também, o mundo começa a ser expandido para a criança.

Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque aqui as crianças colhem suas primeiras sensações, suas primeiras impressões do vive. Neste sentido, a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas (TIRIBA, 2010 apud ALVES; SAHEB, 2013, p. 30030).

Nessa ampliação do meio que o aluno terá na ingressão a Educação Infantil, a família possui um papel relevante na construção de um cidadão ambiental, pois sabemos que toda educação começa em casa e, mesmo quando a criança entra na escola, os pais precisam sempre acompanhar para que o conhecimento e a prática

ambiental possam estar sempre presente no cotidiano da criança. Assim, David (2017) diz que a EA na infância é extremamente importante, pois é onde acontece um maior acompanhamento dos pais no processo de aprendizado de seus filhos, o que pode alavancar a conscientização ambiental além da escola. Antes de pensar em trabalhar com seus alunos sobre a prática da preservação, é preciso que a família também tenha ciência da dimensão que este tema tem, não só para as crianças, mas para a sociedade, ou seja, é preciso cientificar a respeito do meio ambiente aos pais, mães e responsáveis.

Hoje em dia, os questionamentos ambientais permeiam a humanidade, se tornando pauta de encontros com representantes de movimentos mundiais, para que seja estudado uma solução a respeito de alguns problemas que já estão presentes. Porém, o que não pode ser descartado, é que a educação é uma maneira que pode contribuir para a valorização e preservação da cultura, da natureza e dos valores que cada pessoa tem dentro de si. Pensando na relevância da aplicação no processo de ensino infantil, a Educação Ambiental promove mudanças não só para as crianças, mas sim de modo geral.

[...] a temática ambiental se constitui como objeto de interesse e necessidade social. Deste modo, a implementação da EA no cotidiano e nas instituições de ensino, apontam para uma possível solução diante da crise ambiental. Assim, acredita-se que por meio deste estudo, possamos contribuir para que o processo de inserção da EA no contexto escolar favoreça a qualificação e melhoria das mudanças sociais, em relação ao meio ambiente (ALVES; SAHEB, 2013, p. 30027).

Desse modo, pensando na Educação Infantil, não se pode trabalhar a temática da EA em creches e pré-escolas apenas em um dia isolado dos outros, como por exemplo, o Dia do Meio Ambiente, que existe em algumas instituições infantis, pois também é na prática constante do dia-a-dia que se chega na conscientização e na familiarização do aluno em relação ao cultivo de tudo que envolve o nosso meio. Com isso, a escola estará contextualizando toda a importância de se tornar um indivíduo com o olhar sensibilizado no que se refere ao meio ambiente, e assim, a criança vai interiorizando e criando laços de afinidade com o tema.

Sabendo da dimensão que essa asserção propõe para os alunos da fase infantil, fica o pensamento sobre como trabalhar esse assunto tão vasto com as nossas crianças, de modo que elas possam absorver e interiorizarem essa ciência de forma espontânea e natural. Não é nada revolucionário, podemos começar este exame com formas simples, até porque, a própria natureza segue seu ritmo de vida dentro da simplicidade, mas sempre em movimento. É importante que toda instituição infantil coloque como uma de suas prioridades, que seus alunos tenham contato com a organização da natureza e todo o seu funcionamento.

Um pequeno jardim, uma horta, um pedaço de terra, é um microcosmo de todo mundo natural. Nele encontramos forma de vida, recursos de vida. Processo de vida. A partir dele podemos reconceitualizar nosso currículo escolar. Ao construí-lo e cultivá-lo podemos aprender muitas coisas. As crianças o encaram como fonte de tantos mistérios! Ele nos ensina os valores da emocionalidade da Terra: a vida, a morte, a sobrevivência, os valores da paciência, da perseverança, da criatividade, da adaptação, transformação, da renovação (GADOTTI, 2010, p. 70).

Portanto, a prática da EA não só conscientiza ambientalmente a criança, mas humaniza e sensibiliza para que ela tenha uma outra perspectiva a respeito do ciclo da vida. Por uma simples e constante atividade de plantio e colheita, é possível desenvolver algumas virtudes nos alunos que são importantes para a construção do indivíduo pensante, que sempre anda em busca de desvendar os ricos mistérios da vida.

Grzebieluka, Kubiak e Schiller (2014, p. 3888) dizem que, “a educação ambiental busca a construção da consciência de que precisamos viver em um mundo diferente, transformador, harmônico e equitativo”. Essa visão que a EA traz da necessidade de mudar a realidade, faz com que a criança olhe para dentro de si e também observe sua convivência com o próximo, e é por isso, que o coletivo precisa andar de mãos dadas com a prática ambiental nas creches e pré-escolas, pois podemos aprender uns com os outros desde muito cedo.

Considerar que a ligação entre conscientização em prol do meio ambiente e o prazer da criança sejam construídas sem muitas barreiras, pois a relação com a natureza é uma atividade totalmente lúdica, como bem retrata Grzebieluka, Kubiak e Schiller (2014, p. 3889), “percebe-se o interesse e a alegria das crianças ao estarem em contato com a terra e participando ativamente do processo de transformação do espaço, elas demonstrarem ter cuidado e consciência de serem os cuidadores de plantas”.

Podemos dizer que é totalmente necessário a vivência e a prática ambiental, principalmente, fora da sala de aula, de modo que os pequenos precisam ver e sentir a imensidão da Terra, e tudo o que a natureza pode nos proporcionar, pois assim, eles terão uma real noção de que fazem parte do meio, e que também podem ter uma influência direta, conscientizando que é preciso ter respeito e responsabilidade com o nosso planeta.

Tem-se a convicção de que enquanto incentivamos nossas crianças a cultivar plantas, elas também cultivaram amor, cuidado, carinho, capricho, paciência e dedicação. As práticas ambientais devem contribuir para a elaboração de concepções em relação a como usufruir dos recursos oferecidos pela natureza, criando assim um novo modelo de comportamento, buscando equilíbrio entre o homem e o ambiente (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014, p. 3889).

Ao mesmo tempo que construímos a nossa conscientização ambiental, estamos também nos desenvolvendo emocionalmente. Sabendo que a natureza tem seu próprio fluxo, a criança pode perceber que ela também tem o seu próprio tempo para se desenvolver e florir para si mesma e para o próximo, pois quem está dentro da EA percebe, compreende e zela o interior e o exterior da vida.

Considerações finais

O caminho da conscientização ambiental é longo, pois podemos perceber no sentido de historicidade que é um personagem novo e que precisa ser desenvolvido perante a humanidade. Dar o real valor quando ocorre algo que causa um certo impacto em nós, ainda é um pensamento de dura realidade que está impregnada no mundo e precisa ser transformado.

Mas o importante, é de que a ideia do preservar já está em pauta, não só apenas isso, mas também que a educação e o meio ambiente estão começando a trilhar o caminho de mãos dadas, e a EA aos poucos, já vem se tornando uma realidade nas escolas. Ela surge com a ideia de humanizar e que devemos estudar o que há de melhor em nós, para que assim, possamos transmitir o conhecimento ambiental para o próximo e para nosso meio. Ou seja, a prática preservativa é natural e já está em cada ser humano, o que se precisa é de um despertar para que possa florescer cada vez mais a relação harmônica entre natureza e sociedade. Mesmo que no Brasil ainda não exista no RCNEI uma base de como ser trabalhada o tema Educação Ambiental, o ensino da preservação precisa ir além dos documentos, precisa ser espontâneo e partir de dentro para fora.

Desde cedo, respeitando o tempo de cada um, deve-se considerar que a Educação Infantil é o berço da EA, é preciso que o professor abra as portas da valorização do meio ambiente, convidando a criança para cultivar e cativar ela mesma e todos ao nosso redor. A natureza nos ensina muita riqueza e de forma transversal, ela traz a ciência para o interior das pessoas.

É claro que, com os nossos pequenos, o futuro do nosso planeta, devemos ter o cuidado para que haja alegria de se relacionar com a terra, mas tendo a tríplice aliança da família, escola e comunidade de modo que a EA possa desabrochar com mais naturalidade dentro das crianças.

REFERÊNCIAS

ALBANUS, Livia Lucina Ferreira; ZOUVI, Cristiane Lengler. **Ecopedagogia: educação e meio ambiente**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ALVES, Ana Paula; SAHEB, Danielle. **A Educação Ambiental na Educação Infantil**. Curitiba: EDUCERE, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7774_6497.pdf. Acesso em: 2 set. 2020.

BATALHA, Rosália Maria Ferreira. **A Educação em Ciências e a Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar**. Lisboa: Rcaap, 2013. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3829/1/Ros%20a1liaBatalha.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Carta de Belgrado**. 2020. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/quem-%C3%A9-quem/item/8066-carta-de-belgrado>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. 3v. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRASIL. **Pensar o Ambiente**: bases filosóficas para a Educação Ambiental. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

DAVID, Ricardo Santos. **Educação Ambiental: A Importância Deste Debate na Educação Infantil**. EcoDebate, 2017. Disponível em:

https://www.ecodebate.com.br/wp-content/uploads/2017/08/20170816-170816_educacao_integral_ricardo_santos_david.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

DÍAZ, Alberto Pardo. **Educação ambiental como projeto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Carta da terra**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GOLDBERG, Amalia Maria. **O Clube de Roma: Evolução histórica**. blogspot, 2007. Disponível em: <http://amaliagodoy.blogspot.com/2007/09/desenvolvimento-sustentvel-evolu.html?m=1>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GRZEBIELUKA, Douglas; KUBIAK, Izete; SCHILLER, Adriane Monteiro. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. **Revista do Centro do Ciências Naturais e Exatas - UFSM**, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/viewFile/14958/pdf>. Acesso em: 5 set. 2020.

OLIVEIRA, Gabriele Caroline dos Santos de; TONIOSSO, Jose Pedro. **Educação ambiental: práticas pedagógicas na educação infantil**. Bebedouro–SP: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, 2014. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014073822.pdf>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

RAMOS, Elisabeth Christmann. **Educação ambiental: origem e perspectivas**. Curitiba: UFPR, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a12.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, Maria das Graças Gomes de. **Histórico da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: UNB e UEG, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1929/1/2011_MariadasGracasGomesdeSouza.pdf. Acesso em: 14 jun. 2020.

TUMELERO, Naína. **Pesquisa Básica: material completo com exemplos e características**. Mattzer, 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-basica/>. Acesso em: 16 maio 2020.

TYBEL, Douglas. **O que é pesquisa Bibliográfica? Guia da Monografia**. 2017. Disponível em: <https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-bibliografica/>. Acesso em: 15 set. 2020.

WEISMANN, Hilda (ORG.). **Didática das ciências naturais: contribuições e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 1998.